

## Editorial

Artigos, dossiês, coletâneas, resenhas, ensaios, modelos diversos de apresentação da palavra, das idéias, de sentimentos. O formato intelectual, moldado na academia pressionada pela quantidade, pela qualidade, traduzidas em padrão anteriormente definido pelas comissões legitimamente indicadas entre pares, na democracia colegiada do mundo intelectual.

A voracidade com que os colegiados expedem normas e padrões, para qualquer tipo de produção, vai, aos poucos, encurralando a criação, o pensamento, a audácia, o risco e eliminando as possibilidades de impacto, da provocação que a leitura de um texto pode produzir no leitor.

Essa voracidade, no entanto, não se verifica apenas no espaço acadêmico, ela é a marca do mundo contemporâneo, voraz, veloz e de massa. Tudo neste hoje se conta em milhões: dos nascimentos aos registros, dos diplomas às mortes. Tudo muito, tudo igual.

A criação surge comprometida com a perenidade, com o único e com a imortalidade. Como pensar a criação hoje, quando os historiadores reconhecem que o século XX foi o mais criminoso de que se tem registro e, diz Steiner (2003): “como nunca antes, os meios de comunicação de massa saturam nossa consciência com imagens do horror organizado. São os ossos e as cinzas dos campos de concentração nazista”, as caveiras do Iraque ou os corpos estendidos em Carajás, no massacre do Carandiru ou nas favelas do Rio de Janeiro.

Essa longa esteira de violência legal ou ilegal acaba por depreciar o valor da morte, experiência única, que se deteriora até reduzir-se a uma rotina explícita. Nenhum significado especial resta à vítima, ao final de uma existência sem valor. A morte está banalizada, assim como, o silêncio e a solidão, seqüestrados. O ruído da cidade invade e o coletivo esgueira-se no interior da casa e no espírito de quem tenta pensar um pensamento íntimo. O mergulho no próprio interior se vê constrangido.

A vida está traduzida pelo movimento, pela exposição permanente do sorriso negociado no consultório do analista, apoiado nas drogas oficiais garantido-

ras da produção regulada. O exercício de viver sentindo o prazer e a dor vai sendo trocado pela possibilidade de uma vida morna, sem grandes dores e conseqüentemente sem acesso ao prazer. A produção massificada exige calma, estabilidade. A criação gera angústia. O movimento da Biblioteca do Congresso Americano dá bem a dimensão da produção nossa de cada dia.

Seu patrimônio (*da Biblioteca do Congresso em Washington*) excede trinta milhões de livros e aproximadamente oitenta milhões de artigos, separatas e panfletos em oitocentos e cinquenta quilômetros de prateleiras. A biblioteca emprega quatrocentos e cinquenta homens e mulheres que tentam dar conta, por meio de uma constelação de organizações terceirizadas, de aproximadamente sete mil novos itens que são recebidos todo dia. O orçamento anual consome mais de quatrocentos milhões de dólares (STEINER, p.307).

Nossa Revista, entretanto, segue tentando abrir espaço para os temas e formas originais, ou pelo menos não convencionais que, se não logram subverter a ordem — porque acabam absorvidos no universo da produção acadêmica —, pelo menos balançam a ordem comandada pela agenda “oficial” de pesquisa. O dossiê *A educação do olhar* é formado por um conjunto de trabalhos não convencionais, na forma ou no tema escolhidos pelos autores para os textos. É rico pela diversidade das disciplinas de onde partem os escritos, pelos múltiplos tempos que faz circular.

Este número traz ainda um conjunto de artigos onde vemos tratados a Educação Infantil, a Formação de Professores, além de fragmentos das histórias de regiões distantes entre si, como a do sistema educacional do Peru e sua recente reforma educacional e a dos Centros de Excelência intelectual, estabelecidos na Romênia nas últimas décadas. A relação entre esses estudos o leitor poderá encontrar, ao considerar a história do nosso tempo. Uma história marcada pela comunicação e por relações de profunda interdependência.

Na Seção *Diverso e Prosa* se reedita um texto de Maurício Tragtenberg, publicado originalmente na Folha da Tarde, em 1979. O autor discute o pensamento de Freud e as relações da psicanálise com o pensamento político contemporâneo. De forma instigante, critica o uso de conceitos psicanalíticos na interpretação do fenômeno político. Afirma que:

Para o fundador da psicanálise, a política era algo que ocorria na psique dos indivíduos, daí sua psicologia ser tanto individual como social, visto essa como “externalização” de fantasias e desejos pessoais. O interesse pelo social tem como base o individual.

A psicanálise freudiana se insere na tradição liberal da defesa do indivíduo.

*Agueda Bernardete Bittencourt*

STEINER, George. *Gramáticas da Criação*. Tradução Sérgio Augusto de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2003.